

Em comemoração aos 10 anos da **Ideação**, este número especial é composto de artigos de alguns membros do Conselho Editorial que tem colaborado com a Revista ao longo desse período. Os artigos enfocam, em sua maioria, o tema da educação, sob diversas abordagens analíticas e interesses de reflexão, e expressam, em diferentes ângulos, seu paradoxo no mundo moderno-contemporâneo. Esse paradoxo, como mostrou Hanna Arendt, resulta do problema da educação que, por sua própria tarefa, não pode dispensar a autoridade e nem a tradição e, no entanto, é desempenhada em um mundo que, cada vez mais, se distancia da autoridade e pela tradição. Mesmo se referindo ao fato de ensinar às crianças, mostrando a elas o que o mundo é, as razões desse paradoxo podem ser estendidas porque, como Arendt escreve, o mundo é velho, sempre mais velho do que nós. Isto implica, inevitavelmente, voltar-se para o passado, tendo em conta o quanto da nossa vida é consagrado ao presente. Tal movimento é realizado pelos colaboradores deste número, ao proporem a divulgação das reflexões oriundas de pesquisas sobre diversos objetos envolvidos nesse tema, contribuindo para a atualização e ampliação das discussões que abrem espaço para reflexões de problemas importantes, históricos e recentes, em contextos bem variados. Como contextualizar não é uma atividade neutra, dois dos artigos problematizam o fundamental tema da educação nas transformações sociais. O primeiro, do prof^o *Demerval Saviani*, volta-se para o passado, privilegiando a "tradição contra-hegemônica" das teorias pedagógicas no Brasil e demonstrando as inspirações libertárias da educação no país pelo inevitável vínculo das questões políticas, no sentido mais lato e do Estado. Tal reconstrução das teorias pedagógicas é feita de forma atenta aos processos correspondentes e às reflexões do contexto internacional ao longo de todo o período abordado. O segundo artigo, de *Jair Marques de Araujo* e *Mariluce Bittar*, enfoca a educação superior da Rede Internacional das Instituições Universitárias Salesianas, não apenas como um fenômeno nacional, situado e correlato ao contexto internacional, mas ela mesma tornando-se internacionalizada através de projetos transnacionais, em consonância com a política do Ministério da Educação no Brasil. Isto é, assimilando a tendência avaliativa e produtivista do processo global de controle sobre a

educação, como também de sua privatização. Esse exemplo da internacionalização da educação superior é significativamente denominado como rede, categoria que visa demonstrar o potencial explicativo e de ação das instituições escolares na sociedade contemporânea ou na *sociedad red*, como descreve o artigo de *Jurgo Torres Santomé*. Diante da atual estrutura social globalizada e das novas possibilidades de informação e de comunicação, o autor propõe às instituições escolares que criem ou integrem outras redes culturais formativas de maior amplitude: uma rede educativa mais comunitária que deveria ser integrada aos centros educativos de um determinado lugar, com uma oferta de atividades extra-escolares planejadas, beneficiadas por recursos do patrimônio público, como parques, jardins e monumentos, de museus científicos e escolas de idiomas, de música, de arte e de programações culturais. A preocupação central dessa rede educativa comunitária seria com a formação e a educação da cidadania que, segundo Santomé, tem, cada vez mais, níveis culturais e de formação mais altos. Flexibilizar as instituições escolares nessa direção é uma proposição criativa e enriquecedora, sobretudo nos países que não possuem grandes desigualdades econômicas e sociais, como os da Comunidade Comum Européia, contexto visado pelo autor. *Correa e Caramelo* mostram, no artigo seguinte, a mesma estrutura social globalizada que constrói a figura pública de um “local”, identificado como uma cidade de trocas, decalcada de um mundo comercial aparentemente desmonetarizado, e que multiplicaria até o infinito o acesso à fonte de informação. Essa figura ofereceria a criação de dinâmicas sociais potencialmente emancipatórias por um novo associativismo comunitário, estruturado por interesses compartilhados. Não sendo um espaço de fixação, o “local” estaria fora das referências como espaço privado de produção de sociabilidades familiares e grupais. No entanto, problematizando justamente esse significado do “local”, *Correa e Caramelo* aponta tal possibilidade como novas formas de individualismo, que tendem a deslegitimar as referências a uma solidariedade social capaz de combater as desigualdades e as injustiças sociais.

Se há um eixo que unifica os problemas, a história e as proposições dos artigos citados sobre educação e sobre a forma como os problemas sociais podem ser analisados atualmente, ele está na tensa articulação entrelaçando o passado com o presente, ou na indagação sobre a autoridade e a tradição da educação na sociedade moderna contemporânea. Sob esse eixo, a busca de compreensão de novas

configurações do social, das quais a educação é parte, que está em causa, tanto onde elas são mais visíveis, como nos artigos de Santomé e Araújo e Bittar, quanto onde elas não parecem alcançar, a exemplo da educação escolar na zona rural do Amazonas. Assim, *Armanda Rachel Botelho Mourão* e *Rosa Maria Conceição Fonseca* mostram que a universalização da educação formal, que se quer alcançar, ainda encontra-se distante da idéia de uma cidadania que se realizaria por meio da ampliação de bens culturais como propõe Santomé.

Tal como a educação corresponde e é parte indissociável de contextos sociais culturais e políticos, o discurso também o é. O artigo de *Ivo José Dittrich*, no qual apresenta a teoria retórica do discurso, identifica esses contextos por meio da tríade saber, poder e fazer, presente no discurso e, portanto, na linguagem. Do mesmo modo como se avalia que a educação não pode dispensar a tradição e a autoridade, o diálogo da linguagem com o passado foi evidenciado por *João Wanderley Geraldi* por meio da afirmação de que as línguas vernáculas não silenciaram, mas provocaram novas compreensões das línguas clássicas. Porém, esse processo, reencenado no estudo específico apresentado por ele, da relação da língua com o exercício do poder no Brasil desde a colônia, faz do falar "corretamente" uma forma de silenciar. Se na idéia de refrear a língua é admitir também refrear a liberdade - porque não há língua, mas línguas - o mesmo raciocínio podemos fazer para a educação, recusando, nos dois casos, esse papel. Prosseguindo na volta ao passado sem esquecer do quanto estamos imersos no presente, estarmos diante do mundo contemporâneo é salvá-lo da ruína que seria inevitável se não houvesse renovação. É também admitir que não estamos perante problemas específicos, delimitados unicamente pela história e pelas fronteiras nacionais, como os autores deste número da **Ideação** nos fizeram enxergar.

Professora Dra. Regina Coeli Machado e Silva
Unioeste – Campus de Foz do Iguaçu